



LEIGH BARDUGO

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

LEIGH BARDUGO

KING
OF
SCARS

TRONO DE OURO
E CINZAS

Tradução
Isadora Prospero



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Leigh Bardugo, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Isadora Prospero
Todos os direitos reservados.
Título original: *King of Scars*

Preparação: Nine Editorial
Revisão: Ligia Alves e Bárbara Parente
Diagramação: Maria Beatriz Rosa
Mapa: Sveta Dorosheva
Ilustração de capa: Billelis
Capa: adaptada do projeto original de Ellen Duda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bardugo, Leigh

King of Scars: Trono de ouro e cinzas / Leigh Bardugo; tradução
de Isadora Prospero. – São Paulo: Planeta, 2022.

464 p.

ISBN 978-65-5535-599-4

Título original: King of Scars

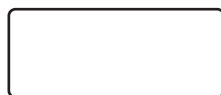
I. Ficção norte-americana I. Título II. Prospero, Isadora

21-5231

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

A ILHA
ERRANTE

ROTA DOS OSSOS

JELKA

VILKI

NOVYI
ZEM

WEDDLE

Enseada
de Reb

Enseada
de Eames

PORTO SHRIFT

CABO
DE
EAMES

COPTON

COLÔNIAS DO SUL

Mar Real

KETTERDAM

BELENDT

KERCH

TRECHO ANTIGO DE UM MAPA DE CIRCULAÇÃO VENDA PROIBIDA





O HOMEM AO MAR

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



DIMA OUVIU AS PORTAS DO CELEIRO baterem antes de todos os outros. Na pequena casa de fazenda, a cozinha borbulhava como uma panela no fogão, com suas janelas trancadas firmemente contra a tempestade e o ar no cômodo quente e úmido. As paredes sacudiam com a balbúrdia, enquanto os irmãos de Dima falavam um mais alto que o outro e sua mãe cantarolava e batia o pé ao ritmo de uma canção que Dima não conhecia. Ela segurava a manga rasgada de uma das camisas do pai dele sobre o colo e, com a agulha, perfurava o tecido com o ritmo irregular de um pardal diligente, uma meada de lã escorrendo entre seus dedos como uma minhoca.

Dima era o mais novo de seis garotos, o bebê que tinha chegado tarde, bem depois que o médico, que passava todo verão pelo vilarejo, dissera à mãe que não haveria mais crianças. *Uma bênção inesperada*, mamãe gostava de dizer, abraçando Dima apertado e paparicando-o enquanto os outros estavam ocupados com seus afazeres. *Uma boca indesejada para alimentar*, desdenhava o irmão Pyotr.

Como Dima era muito pequeno, com frequência era excluído das piasdas dos irmãos e esquecido nas discussões barulhentas da família, e foi por isso que, naquela noite de outono, em pé diante da bacia, ensaboando a última panela que os irmãos tinham feito questão de deixar para ele, só ele ouviu o *pam!* alarmante das portas do celeiro. Dima esfregou com mais força, determinado a concluir o serviço e ir para a cama antes que alguém pudesse cogitar enviá-lo para a escuridão. Podia ouvir a cadela da família, Molniya, ganindo nos degraus fora da cozinha, implorando por

sobras e, conforme o vento se erguia em uivos raivosos, por um canto quente para dormir.

Ramos de árvores fustigavam as janelas. Mamãe ergueu a cabeça, os sulcos sombrios ao redor da boca se aprofundando. Ela franziu o cenho como se pudesse mandar o vento para a cama sem jantar.

— O inverno sempre chega cedo e fica tempo demais.

— Hmm — comentou papai —, como sua mãe. — Mamãe o chutou com a bota.

Ela havia deixado um copinho de *kvas* atrás do fogão naquela noite, um presente para os fantasmas da casa que cuidavam da fazenda e dormiam atrás do velho fogão de ferro para se manterem aquecidos. Pelo menos era o que ela dizia – papai só revirava os olhos e reclamava que era um desperdício de um bom *kvas*.

Dima sabia que, quando todos tivessem ido dormir, Pyotr tomaria a bebida e devoraria a fatia de bolo de mel que mamãe tinha deixado embrulhada em tecido. “O fantasma da bisa vai assombrar você”, Dima avisava às vezes. Mas Pyotr só enxugava o queixo com a manga e dizia: “Não existem fantasmas, seu idiota. Baba Galina virou almoço dos vermes do cemitério. E a mesma coisa vai acontecer com você, se não mantiver a boca fechada”.

Pyotr se inclinou e acotovelou Dima com força. Dima se perguntava muitas vezes se o irmão fazia algum exercício especial para tornar seus cotovelos mais pontudos.

— Ouviu isso? — perguntou Pyotr.

— Não tem nada pra ouvir — disse Dima, sentindo o coração pesar. A porta do celeiro...

— Tem alguma coisa lá fora, voando na tempestade.

Então o irmão só estava tentando assustá-lo.

— Não seja idiota — retrucou Dima, mas estava aliviado.

— Escute — insistiu Pyotr, e, conforme o vento sacudia o teto da casa e o fogo crepitava na lareira, Dima pensou ter ouvido algo além da tempestade: um grito alto e distante, como o uivo de um animal faminto ou o lamento de uma criança. — Quando o vento sopra pelo cemitério, acorda os espíritos de todos os bebês que morreram antes de receber o nome do seu Santo. *Malenchki*. Eles saem à procura de almas para roubar e trocar pela entrada no paraíso. — Pyotr se inclinou e cutucou o ombro de Dima. — E sempre pegam o mais novo.

Dima tinha oito anos, sendo velho o bastante para saber que era só uma história, mas seus olhos vagaram para as janelas escuras e o curral iluminado pelo luar, onde as árvores se curvavam e balançavam ao vento. Ele se encolheu. Poderia jurar... Só por um momento, poderia jurar ter visto uma sombra correndo lá fora, um borrão escuro muito maior que um pássaro.

Pyotr riu e espirrou água ensaboada nele.

— Juro que você fica mais burro a cada dia. Quem iria querer essa sua alminha de nada?

Pyotr só tem raiva porque, antes de você, ele era o caçula, mamãe sempre dizia a Dima. *Você deve tentar ser gentil com o seu irmão, mesmo que ele seja mais velho e não mais sábio*. Dima tentava, realmente tentava. Mas às vezes queria empurrar Pyotr de bunda no chão e ver se *ele* iria gostar de se sentir pequeno.

O vento amainou e, no instante súbito de silêncio, não havia como ignorar o baque pesado que ecoou através do curral.

— Quem deixou as portas do celeiro abertas? — perguntou papai.

— Dima estava encarregado do celeiro hoje — respondeu Pyotr virtuosamente, e os irmãos, reunidos ao redor da mesa, soltaram risinhos como galinhas agitadas.

— Eu fechei — protestou Dima. — Desci a barra!

Papai se recostou na cadeira.

— Então eu imaginei aquele som?

— Ele provavelmente acha que foi um fantasma — disse Pyotr.

Mamãe ergueu os olhos dos remendos.

— Dima, vá fechar as portas e baixar as barras.

— Eu vou — anunciou Pyotr com um suspiro resignado. — Todo mundo sabe que Dima tem medo do escuro.

Mas Dima sentiu que aquilo era um teste. Papai esperaria que ele se responsabilizasse.

— Eu não tenho medo — ele disse. — É claro que vou fechar as portas.

Dima ignorou o olhar satisfeito de Pyotr; enxugou as mãos e pôs o casaco e o chapéu. Mamãe estendeu-lhe um lampião.

— Vá depressa — ela pediu, erguendo o colarinho para manter o pescoço dele aquecido. — Volte correndo e eu coloco você na cama e te conto uma história.

- Uma história nova?
- Sim, e muito boa, sobre as sereias do norte.
- Tem magia nela?
- Um monte. Agora, vá.

Dima olhou de relance para o ícone de Sankt Feliks na parede, ao lado da porta. O Santo tinha o rosto iluminado pelas chamas tremeluzentes das velas e seu olhar era cheio de compaixão, como se soubesse quão frio estava lá fora. Feliks havia sido empalado em um espeto de ramos de macieira e cozinhado vivo poucas horas após realizar o milagre dos pomares. Não tinha gritado nem chorado, só sugerido que os aldeãos o virassem para que as chamas pudessem atingir o outro lado do corpo. Feliks não teria sentido medo de uma tempestade.

Assim que abriu a porta da cozinha, o vento tentou roubá-la de suas mãos. Dima a bateu atrás de si e ouviu o trinco se fechar do outro lado. Sabia que era temporário, uma necessidade, mas ainda assim sentiu que estava sendo punido. Olhou de volta para as janelas iluminadas enquanto forçava os pés a descerem para a grama seca do curral, e teve a sensação terrível de que, assim que deixara o calor da cozinha, sua família o esquecerá — e que, se ele nunca retornasse, ninguém gritaria por ele ou soaria o alarme. O vento apagaria Dima da memória de todos.

Ele avaliou a longa extensão, iluminada pelo luar, que teria que percorrer, passando pelo viveiro das galinhas e o galpão dos gansos até chegar ao celeiro, onde a família abrigava seu velho cavalo, Gerasim, e a vaca Mathilde.

— Munido com lâminas serrilhadas de aço — ele sussurrou, correndo a mão sobre o novo arado enquanto passava, como se fosse um talismã de sorte. Ele não sabia bem por que as lâminas eram melhores, mas, quando o arado chegara, o pai tinha repetido aquelas palavras orgulhosamente para os vizinhos, e Dima gostava de como soavam. Houvera longas discussões na mesa da cozinha sobre o arado, assim como sobre todas as reformas agrícolas do rei e quais problemas ou esperanças elas trariam.

- Seguimos rumo a outra guerra civil — mamãe tinha resmungado.
- O rei é precipitado demais.

Mas papai estava contente.

— Como pode se preocupar tendo a barriga cheia e o telhado consertado com piche novo? Esse foi o primeiro ano em que a colheita rendeu o suficiente pra vendermos no mercado em vez de só alimentarmos a nós mesmos.